

ENTREVISTA COM A ESCRITORA RUTH ROCHA

Luciane Maria Schlindwein¹

Monica Fantin²

Data: 22/11/2012

Entrevistadores: Luciane Maria Schlindwein e Mônica Fantin

Duração: 1h30m

Filmagem e Edição: Luís Gustavo S. Garcia

Transcrição: Fabieli Tatiani de Souza

Ruth Rocha é uma das escritoras mais conhecidas de livros infantis no Brasil. Sua vasta obra fez e faz parte da vida de muitas crianças brasileiras, além de ser referência obrigatória nos estudos sobre literatura infantil na formação de professores!

Gentilmente ela recebeu a Revista EntreVer para uma entrevista em sua casa, em São Paulo e, enquanto a Profa. Luciane Maria Schlindwein fazia as perguntas, a Profa. Monica Fantin participava por *skipe*, no contexto da sala de aula, com uma turma de Pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina.

Registramos esse momento em audiovisual para compartilhar com o leitor e oferecer outras possibilidades de fruição, em que a palavra, a voz, o gesto e a imagem de Ruth Rocha enriquecem o sentido da entrevista e possibilitam outras formas de experiência e interação. Assim, optamos por transcrever a entrevista mantendo o contexto informal da oralidade de uma conversa que agora compartilhamos com o leitor.

Luciane: Gostaria de agradecer a gentileza da Ruth ao receber a

¹ Doutora em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999). Atualmente é bolsista do CNPq, professora do Departamento de Metodologia do Ensino e do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: lucmas@uol.com.br

² Professora do Departamento de Metodologia do Ensino e do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Núcleo Infância Comunicação Cultura e Arte, NICA, UFSC/CNPq. mfantin@terra.com.br

revista EntreVer e dar essa contribuição para o curso de Pedagogia, para a formação de professores e conversar um pouco sobre a importância dos livros na formação de professores e das crianças.

Ruth Rocha: Bom, importância do livro é uma coisa tão grande que não dá nem para dizer o que é. O livro é um companheiro, o livro é um guia, o livro é um esclarecedor, o livro é a possibilidade de a gente viver outras vidas, a possibilidade de a gente conhecer outras pessoas, a possibilidade de a gente aumentar o nosso horizonte enormemente, então o livro é importantíssimo na vida de qualquer pessoa. Mas na vida do professor é mais importante ainda, porque o professor é aquele que vai ter que ser o guia, que vai ter que ser o iluminador, que vai ter que ser ampliador de horizontes. Então ele precisa ter seus próprios horizontes ampliados, precisa ter sua própria vida mais rica, ele precisa ter sua parte intelectual mais desenvolvida. O professor é aquele que tem como seu instrumento mais importante o livro. Então eu acho que o livro é de uma importância total!

Mônica Fantin: Quem é Ruth Rocha?

Ruth Rocha. Olha, se eu tiver que dizer quem eu sou, eu penso primeiro que sou uma mãe; primeira coisa que acho que sou. Eu sou uma brasileira, eu sou escritora e eu sou, sei que não se usa mais isso, mas eu sou patriota. Eu sou socióloga formada em Sociologia Política, sou formada em Orientação Educacional, mas o que mais sou agora profissionalmente é escritora.

Mônica Fantin: Nessa trajetória como professora e orientadora, como a literatura apareceu na sua vida?

Ruth Rocha: Apareceu assim... Eu acho que apareceu, porque eu fui uma criança que ouvi muita história. Eu tinha um avô contador de histórias que contava tudo quanto era história: Andersen, Pierrot, Grimm, Mil e uma noites, histórias folclóricas. Ele sabia todas! E eu, então, ouvia muita história. Minha mãe lia Monteiro Lobato desde muito cedo para nós, e meu pai também contava histórias. Minha avó cantava com a gente. Então eu tive contato muito forte com a palavra, com a narrativa, desde muito cedo. Daí eu cresci e fui ficando com intenções outras. Com a Sociologia Política, passei a ler livros mais especializados. E houve um momento na minha vida em que eu fui convidada a fazer uma coluna de educação na Revista Claudia. Eu era companheira da Carmem da Silva que fazia [uma coluna] sobre feminismo. Então eu fiz [a coluna sobre educação] durante três anos. Uma moça, a Sonia Robatto, que é uma baiana escritora, tinha esse projeto da Revista Recreio, que foi uma revista muito importante. E comecei a escrever na Revista Recreio. Ela me pediu para escrever. Eu disse para ela que não sabia escrever. Ela disse: “não, escreve aquela história que você conta para sua filha”, que era a história do Romeu e Julieta Borboleta; foi minha primeira história. Então comecei a escrever, escrevi muito, quase cinquenta histórias para a Revista Recreio, e depois comecei a publicar em livros. Em 1976 publiquei meus primeiros livros, publiquei treze de uma vez e então comecei a publicar e publico até hoje.

Luciane: O que uma história precisa ter para capturar o coração de uma criança?

Ruth Rocha: Isso não tem receita. Eu diria que a primeira coisa para capturar uma criança é falar com ela. A história tem que ter um tom... porque a gente está se dirigindo para ela. Não uma história que a gente está contando para um adulto. A história..., você está contando para uma criança, então acho que isso é a coisa mais importante da

história. Depois tem varias coisas..., tem a magia, tem o inesperado, tem o humor, tem muita coisa que criança gosta! Criança gosta de história que chora, tem criança que gosta mais de história que ri, tem criança que gosta mais de contos de fadas, tem criança que gosta mais de histórias mais atuais! Não há um segredo, eu acho que há é essa sintonia entre o escritor e a criança, e daí a gente pode contar a história que a gente quiser porque a criança recebe.

Mônica Fantin: E nessa diversidade que você esta falando, de criança, de público e de repertório, como você percebe essa relação da literatura infantil, do livro impresso com a cultura digital e com essas outras formas de contar histórias para as crianças?

Ruth Rocha. Olha, eu acho que são coisas diferentes. Eu acho que..., o desenho animado, não tem coisa que a criança goste mais. Acho que existem varias formas de chegar à criança, e as formas áudio visuais principalmente são muito ricas, tem a ação animada, tem cores, tem ruídos... Mas existe uma coisa específica que eu acho que é da leitura. Acho que a leitura é uma coisa que leva a gente para um estado diferente, onde a imaginação da gente é que trabalha. Então eu acho que existe um encanto no livro lido! Agora, vai ter muito encanto no livro digital também, mas eu acredito mais no livro lido. Eu sou de uma geração tão antiga, e eu acho que não substitui nada, de jeito nenhum.

Luciane: E os livros didáticos, os livros que são utilizados em sala de aula, você tem escrito livro para o professor e para as crianças em sala de aula... Como você vê a importância desses livros e qual o diferencial que eles deveriam ter ou poderiam ter para capturarem também as crianças?

Ruth Rocha. Olha..., eu acho, em primeiro lugar, que os livros didáticos têm que ser bonitos. É uma tristeza livros didáticos feios, com ilustradores ruins! Então é uma coisa que gente tinha vontade..., que eles fossem bonitos, atraentes. Na verdade, nós trabalhamos muito na beirada do lúdico, porque a minha sócia, a Anna Flora, que escreveu esses livros comigo, ela tem uma tese sobre o jogo e a literatura. Ela é muito interessada nisso e eu também sou. Eu trabalhei muito com atividades para crianças e tal. Então a gente fez uns livros muito lúdicos, muita brincadeiras, muito versinho, muitas sugestões de brincadeiras, para que a lição fosse um conjunto de coisas divertidas, de coisas alegres e que as crianças pudessem aprender se divertindo muito, e ligados com jogo. Sempre muito jogo, sempre muita brincadeira verbal, sempre a preocupação que as crianças encontrassem nos livros uma distração, uma brincadeira. Por isso nós criamos esses personagens, fizemos livros didáticos com personagens, que é uma coisa que nunca teve em livro didático. Nós temos essa preocupação: fazer cada passo do aprendizado acompanhado de muita brincadeira, de muita alegria, de arte, muita arte, pela imaginação. E nós fizemos também um livro muito brasileiro. As coisas que nós oferecemos para as crianças são assuntos muito brasileiros. Nós fizemos até exercícios motores com figuras brasileiras. Por exemplo: renda para a criança seguir, fazendo o exercício motor; tem uma coisa de casinhas... casinhas para a criança seguir os tetos, para fazer exercícios motor... Tudo muito brasileiro! Muita preocupação com a arte! A parte de artes desses livros é muito bonita. Tem obras de artes lindas, grandes, coloridas e nós nos preocupamos muito com essa coisa brasileira. Então..., como é a pescaria no Nordeste, como é que o mato na Amazônia, quem é que mora na Mata Amazônica. Nós fizemos entrevistas com crianças reais, com famílias reais: o que faz o vaqueiro, o pescador... Muito legal! Eu acho... gostei muito porque ficou um conjunto de

obras muito brasileiras, é uma coisa com que a gente se preocupava bastante.

Mônica Fantin: Nessas suas andanças pelo país, conversando com crianças e professores em escolas, feiras de livros, o que mais te surpreendeu

Ruth Rocha: Olha, eu não cheguei a visitar o Brasil depois da obra feita, porque atualmente não estou podendo viajar muito, mas eu já me surpreendi muito no interior do Brasil, antes. Porque eu passei quarenta anos viajando pelo Brasil. Então eu me surpreendi em cada lugar, em cada favela, em cada cidade litorânea. A gente sempre se surpreende com a esperteza das crianças, sempre. As crianças sempre são uma surpresa, são alegria, são uma coisa diferente; mimam o trabalho da gente. Isso é uma coisa que sempre acontece.

Luciane: Então a gente sabe que o Monteiro Lobato foi uma das fontes da tua formação, e eu gostaria de saber como você percebe esse viés do politicamente correto querendo alterar as obras do Monteiro Lobato?

Ruth Rocha: Eu acho um horror, eu acho um empobrecimento, eu acho uma tolice! Já quiseram mexer no meu saci. Não queriam que ele fumasse cachimbo, então teria que tirar o cachimbo. Eu falei: “quem vocês são para querer mudar o folclore?” Não é verdade? O folclore é uma coisa tão antiga, uma coisa que foi cultivada durante tanto tempo... Hoje em dia é raridade! Eu aprendi folclore na Sociologia Política, e eles querem mexer no folclore! Isso é uma coisa absurda! Eu acho que existe um viés que é do governo comprar bastante livro; então as pessoas, as editoras ficam numa preocupação que o pessoal que escolhe os livros não goste desse jeito mais atrevido que a gente tem, esse viés mais libertário; então

começam a querer tirar essas coisas. Teve um livro meu também, era um livro de literatura, era um livro pequenininho, *Tem corpo de menino e cara de tatu*, esses meninos lá pelas tantas vão tomar banho de rio, e queriam implicar com aqueles meninos... Meninos de oito anos nus, brincando, e eu consegui manter as coisas! Eu não tirei não. Mas eu acho que essa forma politicamente correta está prejudicando muito a literatura infantil, muito! A literatura infantil perdeu muito com isso, tem muito livro chato, bobo. Reduz muito a possibilidade de críticas. Monteiro Lobato, por exemplo..., são obras de arte, e ninguém tem que mexer numa obra de arte! Mas por outro lado eles podem criticar você. Se pode conversar com as crianças sobre o fato de chamarem a Tia Anastácia de beijuda... Vamos conversar sobre isso... Que época foi essa? Monteiro Lobato tinha escravo..., Tia Anastácia era escrava dele! Então era outro tempo, era outra coisa. Inclusive isso pode servir como um bom argumento para um debate.

Mônica Fantin: Eu estou em sala de aula com alunas de pedagogia da 7^o fase, que estão fazendo estágios na Educação Infantil e em breve estarão nas salas de aulas dos anos iniciais. Que recado você daria para essas estudantes-professoras que estão aqui te assistindo?

Ruth Rocha: Daria o seguinte recado: eu acho que a primeira coisa que um professor precisa quando lida com crianças é gostar das crianças, compreender as crianças. Ouvir é muito importante. Saber falar é muito importante. O diálogo é muito precioso para o desenvolvimento da língua, para o desenvolvimento do raciocínio... Então, falem com seus alunos, tentem ouvir, ouvir é muito importante. Depois, acho que..., tente ler livros infantis e levar para as crianças só aquilo que vocês leram e gostaram. Não levem livros porque os outros acham que são bons... Vocês leiam e levem a sua

emoção para eles, porque é dessa emoção que nasce a emoção das crianças também, o interesse da criança, a vontade de ler. O professor tem que ser um leitor e tem que levar o que ele gosta para as crianças lerem, esse é meu recado.

Para acessar a entrevista clique no *link*:

<<http://www.nica.ufsc.br/index.php/publicacoes/videos/35-ruth-rocha>>

Recebido em 26/09/2012

Aprovado em 16/11/2012